

## AS MÚLTIPLAS VOZES QUE SE ENTRECruzAM NA CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

Átima Clemente Alves Zuanon<sup>1</sup>, Luciana A. de Sousa<sup>2</sup>, Rosana A. de Paula<sup>2</sup>,

<sup>1</sup>Colégio de Aplicação- COLUNI  
Universidade Federal de Viçosa  
*atimazua@ufv.br*

<sup>2</sup>Departamento de Letras,  
Universidade Federal de Viçosa  
Campus Universitário – Viçosa – MG  
36 570 000

**Resumo:** A partir do conceito de gênero desenvolvido por Bakhtin e dos pressupostos teóricos metodológicos da Análise do Discurso Crítica propostos por Fairclough, com este trabalho pretende-se mostrar, de forma elementar e sucinta a prática da análise do discurso. Objetiva-se contribuir para reflexão sobre a constituição da identidade pessoal por meio de estruturas discursivas no contexto midiático e suas implicações na criação da realidade. Utilizou-se como objeto de análise um *corpus* que se constitui de uma reportagem – ensaio - publicada na revista *Veja*, de 14 de novembro, 2007, pelo Jornalista Roberto Pompeu de Toledo. Trata-se de um gênero de divulgação midiática de amplo alcance dos leitores. Este estudo relata acerca da construção de identidade dos atores sociais, no caso, a do Ministro dos transportes aéreos - Nelson Jobim -, que fundem determinadas imagens e ocultam outras. Concluindo, poder não é teórico, está na aplicação. O ensaio sugere que o Ministro tem, de fato, o poder.

**Palavras Chave:** Análise do Discurso, Identidade, Mídia

**Keywords:** Discourse analysis, Identity, Media

**Abstract:** From the concept of gender developed by Bakhtin and Fairclough's proposal about methodological theoretic presupposition of critical discourse analysis, this present study intend to show in a simple and concise way the discourse analysis in practice. The aim is to think carefully about the constitution of personal identity through the discourse structures in the media context and their implication in the reality creation. An entire corpus of a magazine essay was the

subject of the study. That essay was published by *Veja* magazine in November 14<sup>th</sup>, 2007, pg 190. It was written by the journalist Roberto Pompeu de Toledo. It's a widely read magazine. This work refers specifically about the construction of the social actor's, identity. Sometimes, the social actor's image fuse together and sometimes the social actor's image are hidden. To conclude the power is not in the theory but is in the practice. The essay suggests that the Minister, (the social actor, the head in charge of the Brazil Air Transportation) actually has power.

## **Introdução**

A Análise do Discurso Crítica, legitimada por Norman Fairclough, apresenta como propósito central evidenciar o funcionamento dos mecanismos de dominação social que se instauram por meio da língua e criar possibilidades de intervenção e consequente transformação das relações assimétricas de poder.

Considerando que todas as atividades humanas estão de certa forma, relacionadas com a utilização da língua e que cada apropriação específica é condicionada por uma série de fatores como o domínio discursivo, as condições específicas e as finalidades comunicativas, entende-se que os enunciados apresentam configurações singulares, mais ou menos estáveis constituindo-se em diferentes gêneros discursivos [2]. É a alternância dos sujeitos falantes que circunscreve a fronteira entre os enunciados nas distintas esferas da atividade e existência humana, assumindo com isso singularidades e formas diversas, atreladas às atribuições linguísticas e às condições variadas de comunicação. À luz da visão bakhtiniana, estamos constantemente revozeando e internalizando os enunciados dos outros.

## **Análise do *Corpus* - Discussão**

A análise do texto “*Autoridade é uma coisa, eficácia é outra*”, recentemente publicado na revista *Veja* pelo jornalista Roberto Pompeu de Toledo oferece ao analista do discurso uma excelente ferramenta para estudos, principalmente no que concerne à construção discursiva de representações sociais e atribuições de responsabilidade. Evidentemente, várias são as categorias de análise pertinentes no estudo do referido ensaio. Salientamos que os tópicos

a que daremos ênfase são os mais representativos; frisando que para analisar essas atribuições e representações, lançamos mãos de categorias de análise que julgamos relevantes.

O jornalista, representante da revista *Veja*, ao refletir a respeito das declarações do Ministro dos Transportes, Nelson Jobim, acerca dos problemas aéreos, não faz uso da primeira pessoa ao se manifestar a respeito do assunto, apesar deste gênero de texto, o ensaio, se caracterizar por ser a defesa de um ponto de vista pessoal sobre determinado tema. Isso não quer dizer que o jornalista não seja parcial e expresse suas opiniões no ensaio; ele o faz de maneira implícita como será visto no decorrer dessa análise, seja por meio de modais, de comparações, de definições, de ironias e, de algumas vezes, índice de pessoas na terceira pessoa do plural, através das quais, evidentemente, ele se inclui.

Roberto Pompeu constrói seu discurso respaldado por dois princípios fundamentais: o de autoridade e o de eficácia, ambos ligados, principalmente à atuação do ministro Nelson Jobim; esses dois conceitos são explicitamente manipulados no decorrer do texto, sobretudo, nos momentos que o jornalista toma para si definições do próprio ministro para o processo de construção de suas afirmações.

O uso de citação direta é uma forma de trazer para dentro de seu texto a fala do próprio ministro, quando este procura explicar que a fiscalização existe, porém, ela não é eficaz. Evidencia-se, neste caso, a ocorrência de um movimento discursivo, no qual a ordem deste se intercala gerando uma profusão de discurso. Posto isto, constrói-se uma heterogeneidade de discurso sem deixar de levar em conta o momento histórico, social e, sobretudo o político pelos quais vivenciam ambos os sujeitos, jornalista e ministro.

Através deste recurso, o representante da *Veja* mais uma vez se coloca no texto, já que seleciona, nas declarações de Nelson, o que realmente lhe interessa para dirigir ao leitor, a fim de se posicionar a partir do excerto.

Nelson Jobim, por meio do texto, é representado como um sujeito que gosta de falar difícil, ostentar saberes, porém “pobres” de conteúdo e coerência em seu discurso. Essa caracterização apresentada pelo ministro pode ser notada ao observarmos as formas pelas quais os discursos do jornalista e do ministro se entrecruzam. A representação do ministro Nelson Jobim é construída por Roberto

Toledo a partir do discurso do próprio ministro, um típico exemplo das orientações e manobras que a citação, em forma de discurso, também pode sofrer.

Bakhtin (1981) afirma que o sujeito se constrói no e pelo discurso. O autor assume a linguagem como atividade ou lugar privilegiado para a interlocução; é aceitar que as interações não ocorrem fora do contexto sócio-histórico; é admitir que a língua não está pronta num sistema, mas localiza-se num trabalho de sujeitos que estão sempre se constituindo num fazer contínuo, à medida que interage com os outros. O autor não dissocia a língua do social, para ele a língua é interativa por natureza, ela existe para se comunicar, é dialógica por excelência. Ao pensar a atividade de leitura no modelo interacional, estamos postulando que o sentido é construído num processo negociado em que não há uma unicidade nem uma multiplicidade absoluta do sentido, assim, estamos em estado de leitura ou de interpretação. O sentido não está no falante nem no ouvinte, mas na interação. Nos dizeres de [3] a análise do discurso considera que “a linguagem não é transparente”. Reflete reações várias, na perspectiva da história, da sociologia e da ideologia, que constituem os discursos e que estão além da materialidade linguística. ORLANDI 1999, p. 15 também assevera que “a língua é o discurso em movimento, processo em curso, é um dizer que não se fecha”.

E é a partir justamente do discurso de Nelson Jobim que Roberto Toledo ancora o seu para a construção de uma imagem do ministro. Nós leitores, por nossa vez, re-construímos uma identidade para ambos, ministro e jornalista, a partir do texto como um todo.

A ironia é uma constante no texto; a começar pelo título “*Autoridade é uma coisa, eficácia é outra*”, em que Roberto Toledo, na tentativa de chamar a atenção do leitor, ao estilo do próprio ministro, ressalta que demonstrar autoridade não significa atingir uma meta e, com a frase “*O caos aéreo, de pura teimosia, sobrevive às ordens e à pose do ministro Jobim*”, abaixo da foto, antecipa ao leitor que se trata de uma crítica a Nelson Jobim, pois se refere aos problemas aéreos recorrentes no Brasil nos últimos meses. Trata-se, pois de um gesto irônico que, caso típico de polifonia, é a fala do jornalista recuperando outro discurso, o do ministro.

Já no início do texto, também de forma irônica, Roberto se refere ao responsável pelo Ministério dos Transportes Aéreos com o

simples trocadilho “Ministro dos Desastres Aéreos”, colocando-o, desta forma, como principal responsável pelos problemas uma vez que estabelece, categoricamente, uma estreita relação entre os desastres e o ministro. A ironia se torna ainda mais evidente quando se percebe que Roberto Toledo, a partir da fala do ministro, também trabalha com um discurso logicista e, em determinado momento, chega à conclusão de que a fala do ministro, abaixo transcrita poderia se resumir a: “*A fiscalização existe. O problema é que a fiscalização não fiscaliza*” ou “*O Ministro existe, o problema é que não administra*”. Partindo da lógica que constrói acerca da fiscalização, tanto do ministro quanto do Governo, Roberto Toledo conclui que o problema reside na ostentação de autoridade do ministro e na sua pouca eficácia. Tal conclusão direciona o jornalista a formular um pensamento que, de natureza irônica, trabalha com os ecos do discurso do ministro para se formar: “*A autoridade existe. A eficácia dessa autoridade é que é o problema*”. Como sabemos, a ironia trabalha com múltiplas vozes, é polifônica, como acontece com o jornalista que constrói a sua frase a partir da fala do referido ministro.

Para o jornalista, o ministro é propedêutico e gosta de construir discursos baseados na lógica, o que expressa uma apreciação de Raul Toledo e sua inserção no texto em questão. São exemplos das apreciações do ensaísta a respeito do ministro, as seguintes expressões: “seu jeitão seguro de dizer as coisas, temperado por certo enfado, como se cansado de ter que explicar questões tão óbvias”, “tem o perfil do General de Gaulle”, “Ele fala alto, e não apenas pela vantagem que lhe dá a estatura” e “Jobim é dado à propedêutica”. Todas essas definições elaboradas pelo jornalista expressam a sua apreciação acerca do ministro.

É interessante notar também que a ironia, em certos momentos, é extremamente sutil. Quando o jornalista da Veja se dispõe a explicar o significado da palavra propedêutica aos seus leitores, ele está assemelhando-se ao ministro a quem critica, ou seja, está sendo também propedêutico; afinal, os leitores da Veja, em sua maioria, têm vocabulário suficiente para conhecer e entender o significado da palavra.

Uma outra expressão irônica percebida no ensaio é “Grande Jobim!”. Roberto Toledo, mais uma vez, adota a polifonia por, ao

afirmar a grandiosidade da fala de Jobim, pretender afirmar justamente o contrário: da sua pretensa “ingenuidade” em relação ao assunto e às medidas que devem ser tomadas.

Ao traçar o perfil do ministro, comparando-o ao do General De Gaulle, tanto no aspecto físico quanto comportamental, o jornalista ressalta, em ambos, a arrogância e a prepotência. Tal comparação com o general francês, considerado conservador e autoritário, remete o Ministro Brasileiro a uma situação de mascaramento, como fez De Gaulle, quando se utilizou do discurso mítico de que, em essência, “a França eterna jamais aceitaria derrota”; isso após uma situação catastrófica de pós-guerra.

A comparação se torna ainda mais incisiva nos momentos em que Roberto Toledo contrapõe os ditos discursos propedêuticos do ministro aos desastres que continuam acontecendo:

*Oito dias depois de o Ministro decretar que ‘a questão da segurança está resolvida’, três helicópteros caíram em São Paulo. Mais três dias e deu-se o desastre do Campo de Marte.*

Em determinado momento, Roberto Toledo se distancia do texto. Como forma de não se comprometer, atribui voz a terceiros, no caso aos “galhofeiros”, pelo uso de auxiliar modal “poderiam” e pelas frases “Ministro existe. O problema é que não administra” e “Governo existe. O problema é que não governa”. Neste caso, faz-se uma crítica ao ministro e ao Governo sem, no entanto fazer uma afirmativa. É bom lembrar que Roberto Toledo escreve como representante da revista Veja cuja ideologia é de oposição ao governo Lula, o que justifica a forma incisiva da crítica e a deixa para fazer uma crítica indireta ao Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva.

Os elementos linguísticos que nos permitem afirmar a presença explícita da apreciação crítica de Roberto Toledo são, a exemplo, os modais *já, tão, só*, os índices de pessoas “*vamos-nos familiarizando*”, e ainda as palavras e as expressões que emergem de forma explícita sua opinião, tais como: “*mas de absurdo máximo*”, “*Memorável brado*”, “*dócil antecessor*”.

Analisando os processos verbais, percebemos que Jobim é caracterizado, ao longo do texto, sempre com verbos que, apesar de serem verbos que o colocam como agente, têm uma conotação

pejorativa, como acontece nos excertos a seguir: “*Ele fala alto*”, “*ele ensinou*”, “*o propedeuta que nele existe já atacara antes*”, “*o propedeuta impressiona*” e ainda “*o ministro intimou*”. É importante salientar que os verbos são inseridos no texto de forma a representar o ministro com certo ar de arrogância e superioridade, como um sujeito verborrágico e de pouca ou nenhuma ação efetiva; em sua maior parte, são apenas verbos do dizer: falar, ensinar e intimidar, impressionar, por exemplo.

Posto isto, nota-se que o texto - ensaio - como um todo propõe, por meio de definições e de ironias, anteriormente apresentadas, construir uma representação social negativa do ministro. A respeito da questão de como os atores sociais são representados [5, 2006:72] asseveram:

*Determinados atores, por exemplo, podem ter sua agência ofuscada ou enfatizada em representações, podem ser representados por suas atividades ou enunciados ou, ainda podem ser referidos de modo que presumem julgamentos acerca do que são ou do que fazem.*

No caso de Nelson Jobim, o jornalista utiliza principalmente o discurso do político como forma de legitimar a sua crítica. É nesse sentido que entendemos o discurso direto como uma forma de intertextualidade que pode ser usada tanto para endossar o que foi dito pelo autor do ensaio de onde se extraiu a referência, quanto para criticá-la. As palavras de Nelson Jobim a respeito das atuais condições em que operam os aviões no país, que foram selecionadas pelo então jornalista, são categoricamente manipuladas para que este construa o seu discurso e expresse sua ideologia.

Concluindo, o poder não é teórico, está na aplicação. Na concepção dos autores, o texto - ensaio - sugere a idéia de que o ministro tem, de fato, o poder.

## **Referências**

1. BAKHTIN, Voloshinov. **O marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo. Hucitec. 1981.

2. BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes. 2000.
3. ORLANDI E. P. **A escola e suas mediações: como se usa o material didático**. In: Caderno Educação e Sociedade. v. 05, n. 16, 138-145, 1983. Campinas.
4. ORLANDI, Eni Pulccinelli. A Produção da Leitura e suas Condições. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org.). **Estado de Leitura**. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras do Brasil).
5. RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto. 2006. 170 p.

## ANEXO

### TRANSCRIÇÃO, NA ÍNTEGRA, DO ENSAIO ANALISADO

*Autoridade é uma coisa, eficácia é outra*  
*Roberto Pompeu de Toledo – Ensaio*

***“O caos aéreo, de pura teimosia, sobrevive às ordens e à pose do ministro Jobim”***

O ministro dos Desastres Aéreos, Nelsom Jobim explicou assim, na semana passada, a questão, da fiscalização das condições em que operam os aviões no país: “A fiscalização existe. A eficácia dessa fiscalização é que é o problema. O problema da existência da fiscalização é uma coisa, e outra coisa é a eficácia dessa fiscalização.” Jobim frequenta já há algum tempo a cena nacional, mas nunca esteve tão exposto. Com isso, vamos nos familiarizando com seu jeitão seguro de dizer as coisas, temperado por um certo enfado, como se cansado de ter de explicar questões óbvias. O ministro, da altura de mais de 1,9 metro às proeminências do nariz e do abdome, tem o perfil do general De Gaulle. Recortem-se as

silhuetas de um e de outro e elas se encaixarão como uma peça de quebra-cabeça em seu molde. Da semelhança física, o modelo gaullista e expandiu-se para o espírito do ministro. Ele fala alto, e não apenas pela vantagem que lhe dá a estatura. Tal qual as do francês, suas sentenças, mesmo que ditas na pista de um aeroporto, ou na floresta, com uma sucuri entre os braços, soam como vindas da cátedra, do púlpito, ou, caso se ache pouco, do Olimpo, do assento etéreo onde se acomoda.

Jobim é dado à propedêutica. A palavra difícil, e pede esclarecimento. Propedêutica é o ensino que precede o ensino. É a definição das preliminares que devem balisar o estudo das questões. Assim, antes de mais nada, ao comentar o acidente aéreo do Campo de Marte, em São Paulo, no qual morreram oito pessoas, ele ensinou a diferença entre fiscalização e a eficácia da fiscalização. O propedeuta que nele habita já atacar antes. No dia 4 de outubro: “precisamos caminhar para uma percepção de segurança. Uma coisa é ter segurança, e outra é que as pessoas percebam isso”. No dia 24 de outubro: “O problema aéreo é composto de três patamares: segurança, regularidade e pontualidade. Com a equação dos problemas de pistas, a questão da segurança está resolvida. Agora, a regularidade e a pontualidade dependem de uma série de medidas (...)”. O propedeuta impressiona. O interlocutor sente-se diminuto, diante de tão zeloso cultor da lógica e do rigor do pensamento. Só os fatos é que, teimosos, não se curvam. Oito dias depois de o ministro decretar que “a questão da segurança está resolvida”, três helicópteros caíram em São Paulo. Mais três dias, e deu-se o desastre do campo de Marte. Quanto à regularidade e à pontualidade – os outros “patamares” do problema -, a espera dos passageiros nos saguões dos aeroportos foi transferida para o interior dos aviões, estacionados longo tempo, antes de obter autorização de decolar. E as companhias aéreas encontram uma deslavada forma de burlar a proibição de viagens superiores a 1000 quilômetros a partir do Aeroporto de Congonhas: pegam um vôo, digamos, São Paulo-Salvador, e desdobram-no em dois, São Paulo – Rio – Salvador. Nas burlas deslavadas em grau máximo, os passageiros nem precisam descer do avião, na escala do Rio. Nas burlas de deslavagem média, mas de absurdo máximo, descem e minutos depois são convocados a subir no mesmo avião.

O ministro não se abala. Foi nesse quadro, com as coisas funcionando desse jeito, que, das alturas de seu etéreo assento, estabeleceu a distinção entre fiscalização e eficácia de fiscalização. Grande Jobim! Não faria muita diferença se dissesse: “A fiscalização existe. O problema é que a fiscalização não fiscaliza”. Por extensão, os galhofeiros poderiam repicar: “Ministro existe. O problema é que não administra”. Ou: “Governo existe. O problema é que não governa”. Como o ministro é forte na propedêutica, deu um nó na questão para interpor-lhe uma preliminar, ensinando que é preciso analisar bem, e com cuidado, antes de dizer que não há fiscalização.

Só numa coisa o ministro é mais forte do que na propedêutica: na exibição de autoridade. Memorável foi o brado do seu discurso de posse, desferido como golpe de bodurna na testa do dócil antecessor: “Aja ou saia, faça ou vá embora”. Era o fantasma do general De Gaulle a revirar-se em suas entranhas. De Gaulle tresandava autoridade pelos poros da pele, pelas grossas narinas, até pelos fios de cabelo. Da aparência de autoridade, assim como da aparência de De Gaulle, Jobim está bem servido. O problema é fazer a autoridade traduzir-se em medidas práticas. Ou, posto de outra forma: “A autoridade existe. A eficácia dessa autoridade é que é o problema.” O ministro é um especialista em disparar ordens pela imprensa. Na seqüência do desastre do Campo de Marte, intimou as companhias a prover a manutenção de seus aviões e arrematou: “Cobramos isso com muita força”. Grande Jobim! Pode até não conseguir transferir a dureza de suas ordens para o terreno da eficácia, infelizmente tão necessária. Há um campeonato, porém, que lidera mais disparado do que o São Paulo no futebol: o da simulação de autoridade.

**Revista Veja, 14 de Novembro de 2007, pág 190.**